

Mike Tyson's worst nightmare

Francisco Corrêa

Curadoria de
Sofia Medeiros
e Tomás Longo

Livraria Zé dos Bois
23/05 a 31/08 de 2026

Segunda a Sábado, 18h - 22h
Rua da Barroca, 57

Francisco Corrêa apresenta uma instalação que é, ao mesmo tempo, o fim de uma história e o primeiro gesto de outra ainda por contar. A obra integra um projeto mais amplo que encontrará a sua forma completa no Centro Cultural Raiano, em Idanha-a-Nova, no âmbito da parceria entre as duas instituições.

No centro da sala, um jogo foi interrompido. Nada se move, mas tudo pulsa na tensão de um gesto que não chegou a acontecer. Quem entra torna-se testemunha muda desse instante — uma memória congelada que já não pertence a ninguém, mas que ainda assim nos convoca. É o território onde a dor de um desconhecido se torna, por momentos, uma vida que podia ter sido nossa. Os objetos que ali estão não representam ninguém: são o que resta de uma presença que se ausentou.

Haverá obras sobre a morte e obras contra a morte. Esta talvez não responda a essa pergunta — talvez a mantenha em suspenso, como tudo o resto. O que fica é um punhado de figuras imóveis, um título que evoca um pesadelo alheio, e a estranha familiaridade de um jogo que alguém parou.

Se a exposição que virá se abre com um baú — o gesto que despoleta uma narrativa —, a instalação agora apresentada na Livraria Zé dos Bois mostra o seu avesso: a lembrança derradeira de uma personagem que só a ficção podia salvar. Entre a crônica e o jogo, *Mike Tyson's worst nightmare* convida a recordar: *re-cordis*, voltar a passar pelo coração.

Mike Tyson's worst nightmare

Há terras onde o silêncio não é de Deus. O vale fecha-se entre montes baixos, o rio corre pardo por entre pedras que ninguém nomeia, e o ar fica tão parado que se ouve o próprio sangue a bater nas fontes. Foi aqui, ou num sítio assim, que um cavaleiro desapareceu.

Sabem-no os cães, que farejam o chão junto à torre e recuam. Sabem-no as crianças, que brincam ao jogo das setas com paus de oliveira e de repente se calam, tocam na roupa do irmão e puxam-no para casa.

O cavaleiro chegou numa primavera, talvez num outono. Trazia uma besta, uma bolsa de couro com poucas moedas e um jeito de falar que fazia as palavras parecerem maiores do que eram. Não disse a que vinha, mas todos souberam. Vêm sempre pelo mesmo — um tesouro, um segredo, uma dívida antiga. Vêm à procura do que não perderam e partem sem encontrar o que já tinham.

Mas este não partiu. Semanas passaram, meses, e ele ficou. Dormia no pombal, dizem, ou nas ruínas de uma ermida que um fogo devorou. Não pedia nada. Não ameaçava. Subia ao monte de madrugada, com a besta às costas, e ficava lá horas, imóvel, como um marco de pedra. As pessoas acostumaram-se à sua presença — uma senhora levava-lhe pão, um pastor deixava-lhe um odre de vinho. E ele agradecia com a inclinação de cabeça que se reserva aos iguais.

Os pombos, no princípio, fugiam dele, como fogem de todos. Depois, pouco a pouco, começaram a descer do telhado, a pousar no muro, a aceitar o grão que ele estendia na palma da mão. Ele falava-lhes —, como se fala à chuva, às árvores ou ao próprio tempo. Coisas que ninguém entendia. Coisas sobre um cofre, uma chave e um nome que só as aves podiam lembrar. As crianças riam, escondidas atrás dos silvados; os adultos não. A experiência dizia-lhes que havia palavras que não deviam ser ditas, e que os pombos, quando as escutam, escutam de verdade.

Uma manhã, o pombal amanheceu sem ele. Os pombos estavam lá, nos seus poleiros, com os olhos muito abertos e as asas encolhidas. Mas o cavaleiro não — a sua cama de palha estava intacta; a sua besta no chão, armada, com as setas alinhadas ao lado, como se estivesse prestes a disparar e tivesse sido interrompido.

O jogo ficou parado a meio e o jogador evaporou-se.

As crianças procuraram-no. Nos montes, nos rios, nas aldeias próximas, nas cidades distantes. Nada. E o seu rosto começou a esbater-se na memória dos que o viram. Uma pastora jurava que ele tinha os olhos claros; um almocreve insistia que eram escuros. Não importa. A única coisa que ficou dele não foi o que era, mas o que deixou: um rasto de medo no olhar das aves.

Fui ver os pombos. No pombal, a porta de madeira estava entreaberta, e o interior cheirava a palha velha e a pedra fria. As aves estavam lá, nos seus poleiros, como me tinham dito.

Olhavam-me.

E eu vi, tão claro como vejo esta mão que escreve, que os seus olhos não eram de pássaro. Eram olhos que tinham testemunhado um medo antigo, que não lhes pertencia e que, no entanto, estava ali. De onde vem o medo dos pombos? Vem do cavaleiro que se ausentou? Ou já estava ali antes dele e ele apenas o despertou? Como um sino que ninguém sabia que existe e de repente toca.

Há quem diga — e aqui a voz baixa, e os olhos fogem para o chão — que o cavaleiro não desapareceu. Que se tornou outra coisa. Que os pombos o levaram consigo, migalha a migalha, até não sobrar nada. Outros dizem que ele ainda está lá, de pé, invisível. E os mais velhos, sem medo de errar, dizem que ele nunca esteve. Que a besta, as setas e o pombal não passaram de um sonho que o vale teve numa noite de vento, e que os pombos são apenas pombos, e que o medo nos seus olhos é o medo que nós pomos lá.

Mas então por que razão, quando me afastei do pombal e a noite desceu sobre o vale, senti nas costas o olhar fixo de uma pessoa que não estava lá? E por que razão, desde então, sempre que vejo um pombo a pousar num beiral, me pergunto se não será ele que regressa, um segundo, para ver se o jogo já recomeçou?

Tomás Longo (Associação Lugar de Junho)

Mike Tyson's worst nightmare, 2025
Papel machê, madeira, K-line, plástico,
poliestireno e tinta acrílica
Dimensões variáveis

Mike Tyson's worst nightmare

Francisco Corrêa

23.05 - 31.08.2026

Segunda a Sábado, 18h - 22h

Livraria Zé dos Bois

Rua da Barroca, 57

zedosbois.org

Curadoria

Sofia Medeiros e Tomás Longo

Comunicação

Alice Vale de Gato

Design Gráfico

Maria Clara Lima

Montagem

Vitaly Tkachuk

Parceria

Centro Cultural Raiano

Associação Lugar de Junho

Agradecimentos

Ana Catarina Alves, Maria Quintas,

Sara Chitas, João Fonseca

